

## Histórias de ficção como suporte na travessia da infância à adolescência

*Fictional stories as a support in the crossing from childhood to teenage*

*Las historias de ficción como soporte en la travesía de la infancia para adolescencia*

*Les histoires de fiction comme soutien dans la transition de l'enfance à l'adolescence*

 10.5020/23590777.rs.v24i3.e14032

**Daniela Marras Dias de Souza**  

Discente de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Estagiária do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise – NUPEP, no Serviço de Psicologia Aplicada da UFSJ. Bolsista de Extensão do Programa Pintando o Setting: clínica do autismo; Integra a equipe de alunos que fazem atendimento clínico e Participa dos Grupos de Estudos sobre a temática do autismo. São João Del Rei - Minas Gerais – Brasil.

**Maria Gláucia Pires Calzavarau**  

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG) com pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei. Integrante do Núcleo de Pesquisa: Práxis da Clínica Psicanalítica vinculado ao PPGPSI/UFSJ.

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar o uso das histórias de ficção, relatadas pelo sujeito em análise, como um recurso em estabelecer uma reorientação fantasmática, durante o processo de adolecer, em busca de certa estabilização subjetiva. Para isso, foi realizado um percurso teórico, ancorado nas pesquisas psicanalíticas, sobre puberdade e adolescência, a fim de compreender os processos e impasses que os sujeitos adolescentes apresentam nesse momento. Articulada a essas investigações, utilizamos as considerações de um caso clínico, procurando demonstrar como o uso das histórias de ficção, relatadas em análise, pode ser um organizador da realidade vivida pelo adolescente, revelando ser um recurso fantasmático importante para o sujeito contornar o insuportável do real que a entrada na puberdade desvela.

**Palavras-chave:** Psicanálise, infância, adolescência, histórias de ficção, fantasia.

### Abstract

*This article aims to investigate the use of fictional stories, reported by the subject under analysis, as a resource in establishing a phantasmatic reorientation, during the process of adolescence, in search of a certain subjective stabilization. To this end, a theoretical path was taken, anchored in psychoanalytic research, on puberty and adolescence, to understand the processes and impasses that adolescent subjects present at this time. Linked to these investigations, we used the considerations of a clinical case, seeking to demonstrate how the use of fictional stories, reported in the analysis, can be an organizer of the reality experienced by the adolescent, revealing it to be an important fantasy resource for the subject to get around the unbearable reality that the entry into puberty reveals.*

**Keywords:** Psychoanalysis, childhood, adolescence, fiction stories, fantasy.

### Resumen

*El presente artículo tiene como objetivo investigar el uso de las historias de ficción, informadas por el sujeto en análisis, como un recurso en establecer una reorientación fantasmal, durante el proceso de adolecer, en búsqueda de cierta estabilización subjetiva. Para*

eso, fue realizado un trayecto teórico, ancorado en las investigaciones psicoanalíticas, sobre pubertad y adolescencia, con el fin de comprender los procesos e impases que los sujetos adolescentes presentan en este momento. Articulada a estas investigaciones, utilizamos las consideraciones de un caso clínico, buscando demostrar cómo el uso de las historias de ficción, informadas en análisis, puede ser un organizador de la realidad vivida por el adolescente, revelando ser un recurso fantasmal importante para el sujeto contornar el insoportable del real que la entrada en la pubertad desvela.

**Palabras clave:** Psicoanálisis, niñez, adolescencia, historias de ficción, fantasía.

### **Résumé**

Cet article vise à examiner l'utilisation des histoires de fiction, rapportées par le sujet en analyse, comme ressource pour permettre une réorientation fantomatique pendant le processus de l'adolescence, à la recherche d'une certaine stabilisation subjective. Pour cela, un parcours théorique a été réalisé, ancré dans la recherche psychanalytique sur la puberté et l'adolescence, afin de comprendre les processus et les impasses auxquels sont confrontés les adolescents à cette période. En lien avec ces investigations, nous nous appuyons sur les considérations d'un cas clinique pour montrer comment l'utilisation d'histoires de fiction rapportées en analyse peut structurer la réalité vécue par l'adolescent, devenant une ressource fantomatique essentielle pour contourner l'insupportable du réel révélé par l'entrée dans la puberté.

**Mots-clés :** psychanalyse, enfance, adolescence, histoires de fiction, fantaisie.

---

Ao falarmos de adolescência, temos aqui uma definição controversa no dizer de Miller (2020). Isso porque essa definição atravessa os campos cronológico, biológico, psicológico e sociológico, dentre outros, que não se ajustam de maneira exata. No entanto, completa ele, uma coisa é certa: “a adolescência é uma construção” (Miller, 2020, p. 37) e, sendo uma construção, nada é mais fácil que desconstruí-la. Na mesma linha de argumentação, Domenico Cosenza (2015) destaca que pensar a adolescência como um momento de crise, de corte e de descontinuidade na passagem da infância à adolescência é um mito que não se sustenta na contemporaneidade, uma vez que nos deparamos com adolescentes atravessados por um conformismo e um pacifismo, que divergem das rebeliões e protestos dos jovens em outros tempos. Do mesmo modo, Stevens (2004) pontua que, para a psicanálise, a adolescência é um sintoma da puberdade e, como tal, faz questão para o sujeito, convocando-o a se posicionar como desejante frente ao Outro. A despeito das questões provocadas no sujeito adolescente, no momento de seu encontro com o Outro, sejam elas no que tange ao real do sexo vivido em seu próprio corpo, como no encontro com o outro sexo, nosso objetivo neste artigo é investigar o uso das histórias de ficção<sup>1</sup> como um recurso do sujeito em estabelecer uma reorientação fantasmática desse tempo do adolescer em busca de certa estabilização subjetiva.

Partindo disso, este artigo buscará tratar das possíveis implicações subjetivas imbricadas na entrada da adolescência, particularmente destacando fragmentos da escuta do caso de uma garota de 11 anos, demarcando o momento da transição do período da infância à adolescência nessa garota. Para isso, buscamos realizar um percurso teórico, amparado na psicanálise, articulando a prática clínica a partir de fragmentos de memória do caso clínico dessa garota, nomeada aqui de Aurora<sup>2</sup>, atendida em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma universidade pública no interior de Minas Gerais. Esse caso nos trouxe interrogações sobre o uso de histórias de ficção, por Aurora, ao longo de sua análise, o que nos possibilitou identificar as possíveis soluções utilizadas por ela para atravessar o período da infância para a adolescência. Será, portanto, a partir do percurso psicanalítico sobre essa transição que iremos tratar as histórias de ficção relatadas por Aurora, durante sua análise, como um ponto de articulação para sua reorientação fantasmática.

## **Puberdade, Adolescência e a Psicanálise**

A adolescência não é um conceito psicanalítico, entretanto, é preciso se valer da importância das implicações desse momento na constituição subjetiva e também para o exercício da práxis da psicanálise e, por isso, muitos autores contemporâneos do campo psicanalítico se aprofundam nessa temática. Nos primórdios de seus estudos, Freud (1901-1905/2016) não trata especificamente do termo adolescência, mas utiliza, no terceiro dos seus *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, a noção

---

<sup>1</sup> A escolha do termo “histórias de ficção” deveu-se à possibilidade de incluir as diversas histórias e narrativas como contos de fadas, desenhos, séries de televisão e filmes que se referem ao caso clínico ilustrado.

<sup>2</sup> Foi utilizado nome fictício para preservar a identidade da paciente.

de puberdade como um termo para dizer desse momento de transição para a vida adulta, em que o sujeito vive transformações no que concerne às questões biológicas e maturacionais, impactando sobre a determinação dos aspectos psíquicos.

Em seus estudos acerca da sexualidade infantil, Freud (1901-1905/2016) aponta para a existência da sexualidade na infância, contrapondo-se à noção popular de que esta estaria ausente nesse período, sendo despertada apenas na puberdade. De acordo com o autor, portanto, a criança traz consigo a pulsão sexual que se desenvolve ao longo da organização pré-genital da libido – oral e anal – à fase fálica, essa última acrescida em seu texto *Organização Genital Infantil*, de 1923, e correspondente ao momento inicial do complexo de Édipo (Freud, 1923/2011a).

Freud, ainda nos *Três Ensaio*s, Freud (1901-1905/2016) destaca que a escolha de objeto de investimento libidinal dos sujeitos ocorre em dois tempos. O primeiro teria início na fase fálica da sexualidade infantil, que seria interrompido com a dissolução do Édipo; e um segundo que emergiria na puberdade. Como revela o autor, a instalação do período de latência ocorre a partir de dois momentos: pela privação da satisfação pulsional da criança a seus pais, estes encarnados como primeiros objetos de investimento libidinal desta; e pelo temor gerado pela ameaça de castração, que resulta no processo de recalque, marcando o fim da fase fálica e, portanto, a dissolução edípica. Desse modo, “essa fase fálica, simultânea à do complexo de Édipo, não continua a se desenvolver até a organização genital definitiva, mas submerge e é substituída pelo período de latência” (Freud, 1924/2011b, p. 184).

Dessa maneira, o investimento libidinal direcionado a um dos pais, após ser impedido de satisfazer-se, é substituído pela identificação do sujeito a um destes, por meio da introjeção moral e da autoridade paterna, constituindo o que Freud (1923/2011a) denomina de *Supereu* ou *Ideal do Eu*, além da conservação, em certa medida, de uma relação de ternura para com a figura do pai ou da mãe. Dessa forma, a introjeção no ego do sujeito das identificações parentais faz com que uma parcela do mundo, exterior a este, torne-se parte integrante de seu mundo interior. A partir desse processo, ocorre o declínio do complexo de Édipo e o sujeito se insere no período de latência. Dolto (2004) revela que, no final do tempo edípico e, então, no período de latência, o sujeito conclui que não poderá encontrar o seu objeto de amor na família, mas conserva uma ternura idealizada pelos pais, bem como um sentimento de temor em relação à lei imposta por estes como efeito da ameaça de castração.

Assim, quando tratamos do período de latência, após o desmoronamento edípico, deparamo-nos com um momento de espera, no qual a pulsão sexual encontra-se presente, mas as funções reprodutivas são adiadas. A pulsão, portanto, não cessa, mas desvia-se de sua meta e, nesse momento, encontra direcionamentos, podendo estar, parcialmente, ligados às inibições sexuais por meio da educação, transformando-se também em formações reativas e/ou sublimatórias, cuja energia é dirigida para outros objetivos, como a criação e a busca pelo conhecimento e pelo saber (Freud, 1901-1905/2016). Em diálogo, Viola e Vorcaro (2013) apontam o período da latência como um momento na vida do sujeito quando o que se parece ter é uma suposta calma, que, em síntese, busca encobrir um intenso conflito pulsional emergido pela angústia de castração.

Além disso, enquanto na primeira fase, ou seja, no período da latência, o objeto investido libidinalmente é, em suma, dirigido ao próprio sujeito como forma de obtenção de prazer; no segundo momento, com o advento da puberdade e, dessa forma, com a quebra do período de latência, a pulsão tem como direção um objeto sexual externo ao sujeito na busca de satisfação. Para Freud (1901-1905/2016), a puberdade configura, em síntese, uma mudança no rumo da pulsão sexual. Enquanto no primeiro caso a pulsão operava de maneira ampla, no que diz respeito às distintas zonas erógenas do corpo como prazerosas, com a assunção da puberdade essas zonas erógenas “se subordinam ao primado da zona genital” (Freud, 1901-1905/2016, p. 121) e encontram-se, também, a serviço da função reprodutiva. Por isso, a escolha objetual tem de renunciar aos primeiros objetos infantis, os pais, e recomeçar como corrente sensual. Desse modo, no despertar da puberdade, as tramas edípicas, que estavam de certa forma silenciadas sob o estado latente, retornam de uma forma abrupta ao sujeito que, por isso, é confrontado a se haver com a pulsão e seus destinos.

Desta feita, reiteramos que, ao falar de adolescência no âmbito psicanalítico, marcamos, a partir de Freud, as diferenças definidas entre uma e outra no interior do campo analítico. Isto porque, segundo Jucá e Vorcaro (2018), o primeiro termo se refere a um conjunto de mudanças corporais que ocorrem a partir da maturação biológica, caminhando para a aptidão física à reprodução, enquanto o segundo, a adolescência, “vem a reboque da puberdade, tratando-se de um evento socioculturalmente circunscrito. Nas balizas dadas pelo contexto, a adolescência é um tempo precioso, no qual questões muito elementares do processo de estruturação psíquica serão retomadas” (Jucá & Vorcaro, 2018, p. 247). Assim, a adolescência, para a psicanálise, não corresponderia a analisar um momento puramente cronológico de desenvolvimento e maturação dos órgãos sexuais primários e secundários, mas de articular esse processo orgânico a um tempo lógico e inconsciente do sujeito, posterior ao período de latência. Isso porque, a adolescência corresponde a uma operação de ordem psíquica e simbólica, que tem como função possibilitar a realização de um transcurso à outra fase na vida do sujeito.

Miller (2015) contribui para essa temática ao dizer que adolescência não é um conceito, mas uma construção e que, tratando-se da concepção psicanalítica, ocupa-se de três questões fundamentais, sendo elas: a saída da infância, de maneira biológica e psíquica; o encontro com a diferença sexual; e a articulação do narcisismo da infância ao adulto nos moldes de *Eu Ideal e Ideal do Eu*, no que ele denominou de imiscuição do adulto na infância; isto é, uma espécie de antecipação do adulto na infância.

Assim, Jucá e Vorcaro (2018), ao fazerem uma leitura de Lacan (1945/1998) acerca dos tempos lógicos do inconsciente, consideram o momento da adolescência como um tempo de concluir da posição infantil do sujeito para a emergência de uma resposta singular ao enigma da diferença sexual e, portanto, da impossibilidade de completude em relação ao Outro. Nesse sentido, os autores articulam um enlace entre estes dois tempos, diacrônico e sincrônico, no que tange ao processo de constituição psíquica. Isto é, para que se possa pensar no advir do sujeito, é necessário considerar a articulação entre esses dois tempos.

Esse tempo de conclusão está articulado aos processos de constituição do sujeito – alienação e separação – propostos por Lacan, em 1964 (Lacan, 2008). Assim, é a partir do processo dialético de separação que o sujeito poderá sair de sua posição infantil, substancialmente alienada ao Outro, e buscar maneiras singulares de lidar com seu desejo e, portanto, com sua falta inerente. É a passagem ao sujeito de desejo que será o trabalho a ser desempenhado na travessia à vida adulta.

Esse trabalho psíquico realizado pelo adolescente, nesse processo de transição, exigirá deste a realização de um luto do lugar idealizado do sujeito em relação ao desejo dos pais, bem como da própria relação com a imagem de seu corpo infantil (Rocha & Garcia, 2008). O sujeito adolescente irá se deparar, ainda, com o reencontro da castração e do sexual, fatores que implicam uma intensa reorganização narcísica e uma reelaboração dos ideais e ditos paternos, até então não questionados.

Assim, com a irrupção pulsional na puberdade, pelas vias do encontro com o outro sexo, deverá haver, por parte dos sujeitos, um saber fazer com isso que é, em um primeiro momento, excessivo a eles. Porém, compreende-se que esse encontro com a alteridade é sempre da ordem de um mau encontro, pois a pulsão sexual é impossível de ser completamente satisfeita, sendo apenas parcial. Nesse aspecto, Lacan (2003a, p. 546) diz, em seu aforisma, que “não há relação sexual”, exacerbando a impossibilidade de completude da falta estrutural dos sujeitos. É sobre este mau encontro do adolescente com a alteridade e como ele irá responder a isso que buscaremos tratar.

### A Reorientação Fantasmática na Adolescência

No Prefácio realizado à peça de teatro *O Despertar da Primavera*, escrita pelo dramaturgo Frank Wedekind, em 1890, que retrata a relação de jovens adolescentes com o despertar da sexualidade e seus impasses, Lacan (2003b) aborda a necessidade de uma passagem pelo despertar dos sonhos, para que os homens adolescentes possam fazer amor com as moças. Essa passagem do sonho para o campo da realidade possibilitará com que moças e moços possam realizar esse encontro pela via do sexual, apontando para o que Freud demarcou, como aquilo a que chama de sexualidade, faça um furo no real, “eis o que se percebe pelo fato de que, como ninguém escapa ileso, as pessoas não se preocupem com o assunto” (Lacan, 2023b, p. 558). Lacan reitera que o despertar do sonho à realidade pela via do encontro com o outro e com o real do sexo na adolescência trata-se, em contrapartida, de um mau encontro para todos.

A adolescência corresponderia, portanto, ao efeito, ou melhor, a uma resposta particular dada por cada sujeito ao final do período de latência e ao encontro com esse real da puberdade (Stevens, 2004). Esse encontro com o real, que ocorre na adolescência, corresponde a um confronto do sujeito com a dimensão enigmática, ou seja, a de buscar respostas para a indagação sobre “o que o Outro quer de mim?”, levando-o, pois, a “assumir seu próprio sexo e responsabilizar-se pelo seu desejo” (Santos & Zeitoune, 2011, p. 87).

Dessa forma, como diz Stevens (2013, p. 1), “a puberdade é esse real que as crianças encontram quando chegam à saída da infância”. Para além da dimensão hormonal e física, como já mencionado, o que torna a emergência desse real difícil nessa fase é que, enquanto os animais, por instinto, sabem o que têm que fazer, os meninos e as meninas não sabem e, por isso, necessitam encontrar respostas singulares, apoiadas na cultura e na relação com o Outro. Essas respostas, então, só podem ser elaboradas e criadas a partir da linguagem, ou melhor dizendo, da articulação significativa baseada nas experiências de vida do sujeito. Contudo, essa construção da cadeia significativa, criando um sentido que norteia o sujeito adolescente em suas escolhas, não poderá a tudo preencher ou responder, uma vez que há sempre um resto inassimilável do real pelo simbólico. Nisso, um questionamento se faz notório: o que fará o adolescente diante desse real pulsional que “não cessa de não se escrever” (Lacan, 1985, p. 127) para lidar com as adversidades da vida sem se desestabilizar?

Stevens (2013, p. 3), ainda, revela que a estabilização nessa transição se dá na “constituição de um novo sintoma e da reorientação da fantasia”. O sintoma e a fantasia correspondem, na teoria lacaniana, a respostas particulares construídas pelo sujeito ao longo de seu percurso constitutivo, a fim de se relacionar com a falta. Para a psicanálise, a constituição de um sintoma corresponde a um saber inconsciente do sujeito, que sofreu o processo de recalque. Por esse motivo, o sintoma não é tratado como patológico, podendo sê-lo, caso isso torne a paralisar as vias desejanças do sujeito, mas como uma produção particular estabilizante.

Subjacente a todo sintoma, encontra-se a fantasia inconsciente, que rege a maneira singular que cada sujeito encontra para contornar o real da pulsão sexual. Como revela Marco Antonio Coutinho Jorge (2010), a fantasia fundamental tem a função de operar estruturalmente, de forma a satisfazer algum desejo insatisfeito no passado. Por isso, está intimamente relacionada com a pulsão sexual do sujeito e é correspondente à fantasia alucinatória, da qual este se serviu para a obtenção de prazer durante o período autoerótico. Serve como um enquadramento da realidade psíquica do sujeito, a partir da renúncia

deste a uma cota do princípio de prazer pelo princípio da realidade. A fantasia funciona, portanto, como reguladora dessas forças conflituosas e, por isso, diminui a pressão interna, equilibrando o aparelho psíquico (Silva, 2021).

Desse modo, a fantasia dá suporte ao desejo e marca certa posição do sujeito frente ao Outro. Apresenta-se, então, como uma função de defesa, que faz um velamento à falta do Outro, sendo, também, uma marca estrutural da posição do sujeito frente ao desejo (Lacan, 1999). A fantasia, portanto, tem função de dar consistência onde, por estrutura, a inconsistência está inscrita.

Em relação aos sujeitos adolescentes, estes são impelidos a reconstruírem sua fantasia, já que as fantasias infantis, que, anteriormente, o referenciavam para se sustentarem no mundo, poderão falhar (Kelles & Lima, 2017). O encontro com o real do sexo coloca, pois, os adolescentes frente a uma falha de saber estrutural e, por isso, a reconstrução da fantasia auxilia-os a dar limite ao indizível. Como sublinha Lacadée (2012 p. 262): “a atividade fantasmática toma como tarefa livrar-se dos pais, que de agora em diante são desdenhados, seja sob o modo de sonhos diurnos, de leituras, de escrituras de diários íntimos ou de jogos diversos”. Lançar mão das histórias de ficção na análise é um organizador da realidade vivida pelo adolescente, revelando ser um recurso fantasmático importante para o sujeito contornar o insuportável do real, desvelada pela entrada na adolescência.

A constituição de um novo sintoma singular, a partir da reorientação fantasmática, como propõe Stevens (2013), é utilizada pelo sujeito como ponto de basta, ou seja, ponto de ancoragem, para se ordenar no mundo e no laço social. Para ele, o período posterior à latência exigirá do sujeito adolescente uma reconstituição ou modificação de sua fantasia para melhor dispô-los ao momento de suas vidas atuais.

Essa orientação na direção de uma construção singular, como diz Stevens (2013), deve perpassar a articulação significativa por meio da construção de um *Ideal do Eu*, que possibilita que meninos e meninas possam se conduzir em suas coordenadas de desejo, por meio da identificação a um nome, a uma profissão, a um ideal de vida, a uma mulher ou a um homem, e realizar suas escolhas pessoais. É na puberdade, portanto, mais do que nunca, que o impossível da relação sexual reaparece para o sujeito. Para ele, a adolescência na contemporaneidade seria, então, uma resposta construída pelo sujeito, revestida de uma envoltura significativa, para que seja possível a ele um arranjo, que organizará sua existência no mundo e sua relação particular com o gozo (Stevens, 2004). Essa resposta singular do adolescente revela a presença de uma construção fantasmática, no qual está amparado.

Sem a consistência fantasmática, o adolescente pode encontrar-se à deriva, realizando *acting out* ou passagens ao ato como maneiras de tratamento do real da pulsão (Stevens, 2013). O *acting out* corresponde a uma ação colocada em cena pelo sujeito, que visa o tratamento da angústia por vias da atuação. Nesse caso, a realização desse ato ainda possui um direcionamento ao Outro; isto é, corresponde a uma resposta do sujeito frente ao desencontro pulsional, que porta, em seu bojo, uma demanda do sujeito associada ao campo do Outro. Já nos casos das passagens ao ato, a resposta a esse mal-estar comporta uma dissolução do Outro e do sujeito, situando-o para além do princípio do prazer. Assim, o sujeito escapa para um mundo puro, onde a mediação simbólica, pela via da falta, não ocorre. Por isso, “o real da angústia sobrevém sem véus”, invadindo o sujeito que se encontra sem sustentação fantasmática para se apoiar (Calazans & Bastos, 2010, p. 251). É, portanto, na puberdade que esse mal-estar, relativo à impossibilidade de completude, será reatualizado, fazendo com que o sujeito adolescente depara-se, novamente, com o desamparo fundamental e busque modos singulares de lidar com o vazio da existência.

Há, pois, nesse período, a exigência de um trabalho de elaboração desse mau encontro, uma busca de um saber fazer com essa impossibilidade na adolescência. Assim, pensando na importância do processo de reorientação fantasmática aos sujeitos adolescentes, buscaremos investigar a função das histórias de ficção, no processo de subjetivação, durante essa transição da infância à puberdade, como um auxiliador na organização da realidade psíquica.

### **A Função das Histórias no Processo de Subjetivação**

Bruno Bettelheim (1903-1990), psicanalista austro-americano, interessou-se pelos estudos psicanalíticos sobre a infância e pela função das histórias, em especial dos contos infantis, na constituição subjetiva das crianças. Na introdução de seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bettelheim (2002) diz que seu interesse por estudar os contos de fadas infantis lidos pelas crianças se deve à possibilidade do acesso destas aos seus conteúdos inconscientes, por meio da leitura dessas narrativas. Ao fazer um recorte de histórias de contos de fadas, o autor retrata a potência dessas narrativas por ilustrarem a complexidade humana e, em temas como a morte, a separação dos pais, o envelhecimento, a busca por novos caminhos e o desejo pela vida eterna. Para ele, os contos de fadas têm uma particularidade em relação a outros registros e histórias, por colocarem no cerne da trama uma luta de conflitos existenciais, assemelhando-os às dificuldades inerentes da existência humana.

Por se tratarem de enredos infantis, os contos de fadas retratam esses conflitos existenciais de forma breve e categórica, permitindo à criança compreender o problema central da trama, fator que um cenário narrativo mais complexo poderia causar confusão no assunto principal a ser tratado (Bettelheim, 2002). Ao se deparar com essas histórias, a criança estaria diante de enredos, os associando às contingências de sua própria história de vida, possibilitando elaborar, simbolizar e significá-las. Assim, as histórias de contos de fadas correspondem a um instrumento, permitindo à criança o acesso a

diversas experiências, enquanto efeito de divertimento, enriquecimento de seu conhecimento, engajamento sobre si mesma e da invenção de formas mais criativas de estar no laço social.

O discurso da literatura dos contos de fadas amplia as perspectivas para a percepção do mundo na infância, auxiliando a criança a traduzir seus sentimentos e suas condições de sujeito a partir do encontro com a palavra e com o sentido (Schneider & Torossian, 2009). As histórias infantis são, muitas vezes, trazidas pelas crianças na clínica ou utilizadas durante a análise. Nesse aspecto, os autores revelam que as histórias podem servir como recurso que auxilie no diagnóstico e tratamento desses sujeitos.

No prefácio do livro *Fadas no Divã*, de Diana e Mário Corso (Corso & Corso, 2013), Maria Rita Kehl sinaliza que, os sujeitos infantis, por não terem, ainda, delimitado as fronteiras entre “o existente e o imaginoso, entre o verdadeiro e o verossímil (fronteiras estabelecidas, em parte, pelo recalque das representações inconscientes)” (Corso & Corso, 2013, p. 18), utilizam das histórias de contos de fadas como uma maneira de contato com o universo da linguagem, que possam auxiliá-los na composição de um repertório simbólico e imaginário mais ampliado, abordando os enigmas da vida e de seu desejo. Os contos infantis e as histórias de ficção têm como principal função possibilitar ao sujeito a criação de fantasias extraídas da relação com a literatura e com a identificação de determinados personagens. Destacam, ainda, que a narrativa através dos cenários cinematográficos e dos personagens retratados nos enredos auxilia os adolescentes no exercício da associação livre e de lidarem com as dificuldades que esse momento os exige. Ou seja, a relação do sujeito com a ficção não se dá passivamente, mas conta com uma participação ativa deste (Corso & Corso, 2018), fator que faz com que o sujeito possa se incluir naquilo que lê e assiste, repercutindo em efeitos subjetivos em suas próprias histórias de vida.

Essa abertura às histórias de ficção tem uma utilidade fundamental, pois permitirá que o sujeito possa se valer de estratégias para melhor enfrentar os dilemas e conflitos inerentes à experiência subjetiva. Compreende-se, então, que “a ficção infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos da fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum, é preciso sonhar” (Corso & Corso, 2018, p. 283).

Contudo, os autores alertam o leitor para que a relação da fantasia e da ficção – nos contos de fadas, nos filmes, ou em outros tipos literários e cinematográficos de cunhos estritamente educativo e pedagógico – não seja confundida com a alimentação de devaneios, que poderão alienar o sujeito a esses enredos, confundindo a infância e adolescência com puerilidade e desmerecendo a curiosidade sexual, fundamental para a constituição subjetiva.

Assim, para ilustrarmos a relação da transição à puberdade valendo-se da utilização de recursos literários, apresentaremos fragmentos do caso clínico de Aurora e uma possível articulação com a teoria abordada.

### **Histórias de Ficção e a Travessia à Adolescência: Considerações de um Caso Clínico**

Utilizar as histórias de ficção como uma forma de expressão do que não vai bem para o sujeito é um ponto que queremos abordar a partir de fragmentos do caso de uma menina de 11 anos, que nomearemos de Aurora. Ela foi atendida em uma clínica-escola de uma universidade pública no interior de Minas Gerais, desde seus oito anos de idade. A garota continuou por dois anos na modalidade on-line, no período em que o mundo foi acometido pela pandemia da COVID-19, chegando aos 11 anos de idade. Pelo seu discurso, pudemos inferir que ela estava entrando no processo de adolecer. A nova modalidade de atendimento não afetou o campo transferencial, mas revelou uma apresentação de Aurora, na tela do computador, de modo mais introspectivo, falando menos, algumas vezes na penumbra e de olhos fechados. Essa apresentação se alterava para um possível diálogo com Aurora a partir do recurso das histórias de ficção, recurso este já utilizado quando iniciou o processo analítico, mas que se intensificou nesse momento. Trazia, em seu discurso, diversas histórias de contos de fadas, de heróis e de ficções, para conseguir dizer sobre si e seus conflitos inconscientes. Permeada pela imbricação com as histórias trazidas, Aurora podia se colocar, de maneira metafórica, em sua própria narrativa, sendo esse seu modo de expressão possível nesse período da análise.

O atendimento se dava semanalmente, desde a idade de oito anos. Assim, Aurora já tinha relatado muitas questões e fazia diversas elaborações referentes a impasses frente à separação dos pais, à dificuldade de vínculo com os colegas e à sua identidade sexual. Tais pontos, referentes à separação física do pai e aos relacionamentos sociais nessa nova fase da vida, destacavam-se como angústia para Aurora no momento atual em que se encontrava, agravados pelo isolamento social causado pela pandemia.

Após a separação dos pais, Aurora viveu com a mãe e sempre teve com esta uma relação de pouco contato e pouco afeto, observação relatada pela mãe em entrevista. Esta, relatava ter dificuldades em exercer a função materna e os cuidados com Aurora, uma vez que era acometida por questões subjetivas iminentes, que exigiam elaboração. O pai, morador de outra cidade, conseguia estar com Aurora poucas vezes ao ano. O momento pandêmico dificultou o contato físico, porém permitiu a descoberta da modalidade on-line, o que proporcionou momentos mais frequentes com o pai. Realmente, o contato com o pai, mesmo por via on-line, mudava para melhor os dias da garota, pois a espera por esse encontro era trazida constantemente como ponto de fala em suas sessões.

Aurora possuía uma identificação imaginária intensa com seu pai, dizendo, em diversos momentos, que eram “iguais” e que “não possuíam nenhuma diferença em relação a nada”. De acordo com a mãe, e com a própria Aurora em suas sessões, o pai era visto como um amigo para ela, colocando-se em uma posição de “adolescente”. Com isso, tinha dificuldades no exercício da função paterna. Possuíam interesses em comum pelas histórias em quadrinhos, filmes de heróis e séries de televisão. Aurora, ainda, afirmava saber tudo sobre seu pai.

A partir de uma atividade escolar baseada em um questionário de perguntas relativas a um parente próximo, Aurora, que escolheu seu pai para realizar a entrevista, percebeu que, ao ler as perguntas, achava que saberia responder todas, já que o conhecia como ninguém. No entanto, ao responder, Aurora percebeu que desconhecia muitas coisas de seu pai, como o seu sobrenome e sua data de nascimento: “Achei que sabia tudo sobre meu pai, mas agora percebi que muitas coisas eu não sei”, disse. Repetiu, algumas vezes, que, em sua cabeça, parecia estar tudo claro, que sabia tudo sobre ele, mas agora não sabia mais. Frente a esse *não saber* sobre o pai, Aurora optou por conversas com o pai, no intuito de buscar entendimento do que desconhecia sobre ele. Disse:

Eu conversei com meu pai e agora eu sei o sobrenome dele, a data de nascimento e o que ele trabalha, eu só não lembro do que ele falou sobre o que não gostava, mas na outra sessão eu te falo... eu não conhecia um lado dele antes, o de adulto.

Elaborou, em sua sessão, que a parte que conhecia dele correspondia ao lado “criança”, ao lado mais infantil, das histórias, contos e da função paterna, que se confundia com um amigo. De outra forma, até aquele momento, havia um desconhecimento de seu outro lado, menos infantil, mais maduro; isto é, de sua parte adulta, como disse. Ao ser questionada sobre como é conhecer esse outro lado de seu pai, denominou ser “estranho, eu prefiro o lado criança dele. Acho que vou continuar falando sobre filmes e heróis com ele”, revelando a preferência de seu lado criança, uma vez que gostaria de continuar conversando com o pai sobre as histórias de ficção. Além disso, ao dizer sobre esse momento de encontro com o lado adulto de seu pai, tão difícil de ser reconhecido por ela, Aurora lembra de um fragmento da história do filme “Frozen”, “em um dos trechos do filme, o personagem Olaf diz que as pessoas próximas desejassem que ele continuasse sendo criança para sempre, mas acho que isso é impossível mesmo que elas queiram”. No entanto, ela destaca a fala de Olaf em que o personagem dizia para as pessoas que “não tinha como isso acontecer, – ele iria crescer”. Aurora relata, nessa passagem da fala de Olaf, que o personagem conseguiu lidar com a certeza de que iria crescer “de modo muito criativo e engraçado”, o que despertou nela uma elaboração em relação ao fato do pai não poder, por mais que ela queira, voltar a ser criança.

Além da história do filme “Frozen”, nas sessões posteriores de sua análise, Aurora traz em sua narrativa a história de seu herói favorito, o Batman – este já incluído em seu discurso em momentos anteriores. O Batman, como é sabido, inicia sua transformação em herói a partir do assassinato de seus pais, fato este que irá convocá-lo a fazer justiça na sociedade. Contudo, o que se destaca para ela, ainda nessa história, é o interesse pelo personagem do Coringa, inimigo do Batman, mas que, de acordo com ela, apresenta contradições existentes nos humanos. Contradições estas que Aurora demarca como um ponto diferencial em relação aos super-heróis isto porque, a partir das questões ligadas à injustiça social que se apresentam na história do Batman, Aurora faz uma analogia com o mundo atual como muito injusto, citando também os grupos que sofrem injustiça “por serem mulheres, pela cor da pele, ou por serem LGBT”. A partir disso, ela reflete sobre as diferenças, encantando-se pelo personagem do Coringa na história do Batman “porque ele foi muito violentado, foram muito injusto com ele...” segundo ela, apesar de usar da violência contra as pessoas. Termina por demarcar, de forma mais clara, a diferença entre Batman e Coringa na relação humana, dizendo que o Coringa, mesmo sendo um vilão, “parece ser mais humano, pois ele possui contradições”. Por outro lado, reitera o distanciamento do herói Batman, que mesmo combatendo as injustiças, fica muito distante das vivências sociais. A injustiça social entre os humanos apresenta-se como o ponto de identificação de Aurora, nesse momento, com o personagem Coringa.

As histórias de Olaf e Batman – permeadas por uma difícil experiência em perceber um pai que se apresentava como adulto – permitiu que Aurora realizasse um deslocamento quanto à percepção da transição, denominada por ela de: mundo da infância para o mundo dos adultos. Nesse momento, ela percebeu a diferença da existência do mundo da infância: “é um lugar mágico, sem limites para a imaginação e onde tudo é possível”. Em contrapartida a esse mundo, há um outro, o mundo dos adultos “sem magia, mais difícil e cheio de injustiças. Assim, na transição do mundo da infância – da magia, da fantasia, dos heróis, de tudo poder e saber –, Aurora depara-se com uma realidade outra: concreta, limitada, desconhecida, injusta e difícil. Desse modo, um questionamento se faz notório: “O que fazer diante disso?”. A garota continua: “Gostaria de voltar a ser bem criança”. No entanto, compreende com algo impossível, fazendo sua elaboração final: “Infelizmente”.

A partir da constatação de um pai que não é tão infantil como ela percebia, demarca um certo distanciamento em relação ao pai, pois não conseguia mais se identificar com ele. Essa constatação exacerbou a angústia de Aurora, uma vez que perdeu o referencial imaginário da presença do pai. Do mesmo modo, o isolamento social foi outro ponto agravante dessa situação para Aurora, que passou a se sentir mais sozinha. Não podia sair, por conta da condição sanitária, e não se encontrava com amigos. Restava-lhe a permanência em seu quarto, onde desenhava e produzia suas histórias de ficção, assuntos que levava para a análise. Chegou a dizer que “não gosto de sair com meus colegas da escola, prefiro ficar em casa. Acho que sou ‘antissocial’”, demarcando a dificuldade em relação ao encontro com a alteridade e impasses com os

pares da escola. Estar sozinha era uma realidade física, por não conseguir se incluir no grupo de colegas, além de uma realidade psíquica por estar sem o amparo da presença do pai.

A dificuldade com os colegas é trazida por Aurora a partir de um desenho de uma Lua e uma cabana, em que ela diz que alguém poderia morar na Lua, mas que ela não conseguiria, “porque a lua é um lugar muito solitário..., acho que não conseguiria ficar totalmente sozinha. Até porque acho que é impossível viver sozinha”. Em outra sessão, desenhou o planeta Marte e disse que viu, em um documentário, que as pessoas poderiam ir para Marte no ano de 2050 e até viverem lá. Disse que seria muito legal morar em Marte. Após um tempo de silêncio, elaborou que, na verdade, não conseguiria viver completamente sozinha em Marte, pensando em levar sua cachorra. No entanto afirma que brincar só com ela “é meio chato”. Aí pensei de levar minha colega da escola. Poderíamos brincar juntas lá em Marte”. Ao ser interrogada se precisaria esperar até 2050 para brincar com sua colega, ela concluiu que “É, vai levar um tempo... talvez, dá para brincar na Terra, enquanto isso”.

Os impasses na constituição de um laço com essa amiga revelaram-se, ainda, a partir de uma outra cena, narrada em sua sessão, de quando as duas se encontravam em sua casa, mas não brincavam juntas. Aurora dizia: “eu fiquei no vídeo game e ela pintando. Eu não quis pintar e ela não queria jogar vídeo game”. A analista perguntou: “E não tinha jeito de vocês estarem juntas?”. No que Aurora responde: “Ah, eu não sei. Eu ofereci outros jogos e ela só quis pintar”. E logo depois completou: “Ah, eu não sei. Eu tentei, mas foi difícil... acho que poderíamos ter brincado juntas, mas eu não quis pintar e ela não quis fazer nada além disso”.

A escolha de brincadeiras não se dava a partir de algo em comum às duas. Dessa forma, restava a ambas brincarem em separado. Ceder e fazer laços e trocas eram algumas das dificuldades para Aurora. Desse modo, construir uma história, que possibilitasse levar alguém para um lugar onde não há ninguém, trata-se de uma tentativa de dar conta de seus impasses no laço com o outro.

Em outras sessões, contou sobre o livro que estava lendo: *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, da autora Casey McQuiston (2019). De acordo com Aurora, o livro narra a história de dois rapazes: um, filho da presidente dos Estados Unidos, e outro, irmão do príncipe da Inglaterra. Os personagens, que estavam apaixonados, possuíam dificuldades em desfrutar dessa relação devido a pressões do meio social e das famílias de ambos. Trazia como crítica social, em sua análise, o preconceito da sociedade em relação à escolha amorosa dos dois rapazes, fator que a fazia questionar, por meio de suas construções discursivas, se a aceitação principal em questão seria, na verdade, sobre a escolha sexual dos dois ou de como a sociedade interferia a esses rapazes uma norma amparada no social. A posição familiar desses rapazes e a interferência social com suas normas e preconceitos a deixavam perplexa, pois ela já estava construindo algo de seu desejo sexual pelo outro. Em algumas sessões, Aurora relata que havia terminado *O Livro dos Príncipes* e completa: “os dois acabam ficando juntos no final e a mãe de um deles quase perde o trono, mas depois ela consegue se eleger por mais quatro anos... Eles fizeram o que queriam e ficaram juntos. Achei um bom final...”

Em outra sessão, Aurora diz que viu o filme “Com amor, Simon” e que, de acordo com ela: “conta a história de um garoto homossexual que se apaixona por um rapaz, mas ele esconde isso das pessoas e acaba conversando com esse outro garoto pela internet. No final eles se beijam na roda gigante e ficam juntos”. Após um momento de silêncio, continua: “Eu fiquei pensando esses dias que no caso de uma pessoa que é gay, ela precisa se assumir para os outros, enquanto que uma pessoa heterossexual ela não precisa se assumir para as pessoas...”. É questionado a ela se importa assumir para os outros ou para a própria pessoa, seja homossexual ou heterossexual. Pensativa, Aurora responde “acho que para ela mesma, como eles acabaram fazendo...”.

Reconhecer nessas histórias que os rapazes não cederam de seu desejo foi um alento para Aurora, que nos apresentava também suas dificuldades em subjetivar sua posição sexuada. Aurora trouxe em cena, com as histórias narradas, seus próprios impasses no campo da sexualidade, no encontro com a alteridade e, também, na assunção ao desejo frente ao Outro.

Esses pequenos fragmentos do caso revelam como Aurora utilizou-se dos recursos literários para dizer sobre suas questões inconscientes e seus impasses, na transição da infância à adolescência. De certa forma, as diversas histórias contadas em sessão serviram como pontos de ancoragem para a construção de sua posição subjetiva, sendo utilizadas como um recurso importante frente aos impasses da travessia da infância à adolescência.

### Considerações Finais

Uma questão recorrente para o sujeito adolescente ao se deparar com o real do sexo que a entrada na adolescência exige é se perguntar: como se colocar como um sujeito desejante nesse processo? Frente a isso, a questão sobre como ele se situa nessa passagem, criando traumas, permite ao adolescente lançar mão de recursos que podem amenizar a entrada nessa nova fase. As histórias de ficção, com todo o seu aparato marcado por encontros amorosos, eleições de parceiros sexuais e posicionamentos subjetivos frente à vida, podem ser orientadoras desses sujeitos, que não encontram um modo referencial de organização. Essas histórias têm a função, portanto, de introduzir um véu ao real a partir da construção de suas fantasias mais singulares. É somente através desse trabalho de nomeação, como nos diz Cosenza (2015), que os adolescentes serão capazes de se aproximar da inexistência da relação sexual como um trauma que pode ser subjetivado, evitando, desse modo, cair na deriva ilimitada, própria da adolescência contemporânea.



## Referências

- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Editora Paz e Terra.
- Calazans, R., & Bastos, A. (2010). Passagem ao ato e *acting-out*: Duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 245-256. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>
- Corso, D. L., & Corso, M. (2013). *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Artmed Editora.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2018). *Adolescência em cartaz: Filmes e psicanálise para entendê-la*. Artmed Editora.
- Cosenza, D. (2015). Iniciação na adolescência: Entre mito e estrutura. *Gente, Revista de Psicanálise*, 9(4), 1-3. [https://www.ebpbahia.com.br/agente/site/wp-content/uploads/2016/07/2015\\_ano4\\_vol1003\\_agente09\\_domenico\\_cosenza.pdf](https://www.ebpbahia.com.br/agente/site/wp-content/uploads/2016/07/2015_ano4_vol1003_agente09_domenico_cosenza.pdf)
- Dolto, F. (2004). *A causa dos adolescentes*. Ideias & Letras.
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1901-1905)
- Freud, S. (2011a). *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (pp. 151-157). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011b). *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (pp. 183-192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise: De Freud a Lacan - v. 2: A clínica da fantasia*. Zahar.
- Jucá, V. dos S., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29(2), 246-252. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160157>
- Kelles, N. F., & Lima, N. L. de (2017). Adolescentes no ciberespaço: Uma reflexão psicanalítica. *Tempo psicanalítico*, 49(2), 202-233. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200010](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010)
- Lacadée, P. (2012). A clínica da língua e do ato nos adolescentes. *Responsabilidades*, 1(2), 253-268.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar Editora.
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (pp. 197-213). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Jorge Zahar Editora.
- Lacan, J. (2003a). *Outros escritos* (pp. 544-549). Jorge Zahar Editora.
- Lacan, J. (2003b). *Outros escritos* (pp. 557-559). Jorge Zahar Editora.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a. ed.). Jorge Zahar.
- McQuiston, C. (2019). *Vermelho, branco e sangue azul*. Seguinte.
- Miller, J.-A. (2015, 28 de julho). Em direção à adolescência. *Escola Brasileira de Psicanálise*. <https://ebp.org.br/sp/resenha-em-direcao-a-adolescencia/>
- Miller, J. A. (2020). *De la infancia a la adolescencia*. Instituto Clínico de Buenos Aires.
- Rocha, A. P. R., & Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(3), 622-631. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000300014>

- Santos, T. C. dos, & Zeitoune, C. da M. (2011). Amor, impasses da sexualização e ato infracional na adolescência. *Tempo psicanalítico*, 43(1), 85-108. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382011000100006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100006)
- Schneider, R. E. F., & Torossian, S. D. (2009). Contos de fadas: De sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em revista*, 15(2), 132-148. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682009000200009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009)
- Silva, J. M. da. (2021). Das fantasias à fantasia fundamental: Caso clínico. *Estudos de Psicanálise*, (55), 193-203. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372021000100018](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100018)
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Curinga*, (20), 27-39. <https://ebp.org.br/mg/curinga-020/>
- Stevens, A. (2013). Quando a adolescência se prolonga. *Opção Lacaniana online nova série*, 4(11), 1-15.
- Viola, D. T. D., & Vorcaro, Â. M. R. (2013). Latência, adolescência e saber. *Estilos da Clínica*, 18(3), 461-476. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282013000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

### Como Citar:

Souza, D. M. D. & Calzavara, M. G. P. (2024). Histórias de ficção como suporte na travessia da infância à adolescência. *Revista Subjetividades*, 24(3), e14032. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i3.e14032>

---

### Endereço para correspondência

Daniela Marras Dias de Souza  
E-mail: [danimarras@gmail.com](mailto:danimarras@gmail.com)

Maria Gláucia Pires Calzavara  
E-mail: [glaucciocalzavara@gmail.com](mailto:glaucciocalzavara@gmail.com)



**Recebido:** 28/08/2022  
**Revisado:** 25/03/2023  
**Aceito:** 25/06/2024  
**Publicado:** 01/11/2024